



## O POLÍTICO NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Naiara Souza da Silva<sup>1</sup>

Este trabalho é parte de reflexões que vêm sendo construídas na tese intitulada “Tatuagens: identificação e/ou resistência”, cujo interesse está nos funcionamentos de identificação e de resistência textualizados na tatuagem futebolística, precisamente as representativas de dois times de futebol predominantes da cidade de Pelotas, situada no interior sul do Rio Grande do Sul, denominados “Grêmio Esportivo Brasil” e “Esporte Clube Pelotas”, o Bra-Pel<sup>2</sup>.

A tatuagem, a nosso entender, ao se materializar no corpo, se constitui enquanto discurso, ou seja, textualiza discursos (cf. SILVA, 2014). De acordo com trabalho anterior,

As tatuagens, tomadas como textos a ler, por sua vez, são entendidas, por nós, como produtoras de diferentes efeitos de sentido porque são capazes de incorporar distintas interpretações, mas não qualquer uma. Recuperando o que nos ensina Pêcheux (2010/1990), todo enunciado é sempre suscetível de ser e/ou tornar-se outro e, mais, ele é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva oferecendo lugar à interpretação (SILVA, 2014, p. 129).

Entendemos, assim, que se o sujeito se identifica com a língua para poder dizer, ele também se identifica com o seu corpo para significar. Através da tatuagem, num processo de textualização do corpo, o sujeito grava no tecido da pele o seu desejo, a sua interpretação e a sua interpelação. Pele que, como explica Abreu (2013), “se transforma em texto em uma junção de linguagens – palavras, imagens, cores, que ganham estatuto na história” (p.143).

O corpo, nessa perspectiva, pode ser entendido como suporte de uma significação, se considerarmos o trabalho de Pavu (2010). Porém, estamos elaborando que tatuagem ao incorporar-se no corpo torna-o uma materialidade específica, na medida em que não há possibilidade de separá-los. Dessa forma de concebermos tatuagem e corpo, julgamos pertinente utilizarmos-nos da concepção de *corpodiscurso* elaborada por Orlandi (2012b), em que se compreende que “enquanto corpo empírico, ele é apenas carne. Todavia, quando o corpo é produzido em um processo de significação, onde trabalha a ideologia, ele é corpo simbólico, chamado de *corpodiscurso*” (p. 85).

Consideramos então, diante o que estamos pensando, o *corpodiscurso* do sujeito tatuado, sua materialidade significativa e os efeitos de sentido produzidos enquanto corpo de um sujeito afetado e interpelado ideologicamente, que assume uma posição ao textualizar uma *tattoo* alusiva a um time de futebol. A tatuagem futebolística, conforme estamos propondo, pode ser considerada um traço que (re)significa o corpo, demarcando simbolicamente a posição do sujeito. Seguindo o estudo de Azevedo (2013), “a tatuagem é um gesto que significa social e politicamente, visto ser uma marca da contradição: seu traço marca um dentro e um fora do grupo, sinaliza o pertencimento, através da identificação com uma P-S dentro de uma dada FD” (p. 136).

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguística Aplicada da UCPEL, e membro do Laboratório de Estudos em Análise de discurso (LEAD/UCPEL).

<sup>2</sup> São também tratados como Rubro-Negros e Áureo-Cerúleos, respectivamente, em decorrência das suas cores.



A tatuagem em pautas, assim, “metaforiza o laço social e diz muito sobre o funcionamento de nossa sociedade” (AZEVEDO, 2013, p. 109). Tratando-se do contexto que nos compete, a dupla Bra-Pel mexe com o coração da cidade pela sua forte rivalidade que foi sendo construída e fortificada ao passar dos anos na história do futebol pelotense. Esta oposição, em nossa opinião, não se deve apenas pelo desempenho dos jogadores em campo, mas pela própria fundação de cada clube. Nesse aspecto, nosso objetivo aqui é refletir, no âmbito da Análise de Discurso (AD) de tradição pecheuxiana, acerca do imaginário que perpassa a representação dos dois clubes em questão, pois entendemos que os discursos se (re)produzem a partir desse imaginário. Segundo Orlandi (2012a), o imaginário faz parte do funcionamento da linguagem, ele é eficaz e não brota do nada visto que seu alicerce está no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas por relações de poder.

De acordo com Osório e Amaral (2008), “sem o Bra-Pel, não poderíamos nunca compreender o esporte das multidões. Ele é a alma e a própria vida do nosso futebol (p. 50). O Esporte Clube Pelotas foi o primeiro a ser fundado, em 11 de outubro de 1908, sendo nomeado como seu primeiro presidente o Dr. Pedro Luís Osório. Quase três anos depois, no dia 7 de setembro de 1911, foi fundado o Grêmio Esportivo Brasil sob a presidência de Darío Feijó.

Esta menção feita aos primeiros presidentes nos causou certo desconforto, por que foi utilizada uma forma de tratamento respeitosa somente para se referir ao presidente do Pelotas? A falta (cf. ERNST-PEREIRA, 2009) de uma forma de tratamento quando os autores referem-se ao Brasil seria um indício da constituição do clube, tratando-se de classes? Tal funcionamento de modos de dizer e de não-dizer nos permite pensar nas relações de força presentes. Utilizando-nos das palavras de Osório e Amaral (2008), “em relação à dupla Bra-Pel, a questão é bastante clara, tanto que os jogos na época em que o Brasil jogava suas partidas no Campo da Estação eram chamados de ‘Fidalgos da Avenida x Negrinhos da Estação’” [grifo dos autores] (p. 51).

Pelos exemplos, podemos observar o imaginário constitutivo de cada clube que os coloca em patamares político-econômicos diferentes, imaginário este que ainda ressoa nas palavras dos sujeitos tatuados quando se referem a sua identificação e/ou resistência a determinado clube. Frente a isso, compreendemos que o político aí se instaura. Político entendido como representação de forças políticas em jogo no discurso no qual interferem a história e a ideologia como constitutivas (cf. CAZARIN, 2005).

Para somar ao exemplificado, trazemos para análise considerações de quatro sujeitos torcedores, dois de cada time referido:

Quadro 1 – Transcrições das narrativas dos sujeitos torcedores

Rubro-Negro	Áureo-cerúleo
“Eu tenho (...) um sentimento de repulsa contra a maior torcida organizada que eles têm. Eu acho que eles são extremamente babacas (...)Tem um cara que é o líder deles (...) é um idiota (...) <b>filhinho de papai</b> . Para mim ele simboliza essa torcida (...) coisa de <b>guri de apartamento</b> ”	“E a minha opinião sobre o outro time, <b>lá debaixo</b> , que está sem estádio por enquanto (...) bah, eu não tenho o que falar agora porque eles estão muito bem mas, eu não gosto deles”



“A minha opinião sobre o time rival é o **respeito**, é lazer isso aí (...) eu tenho familiares, inclusive, que torcem para esse time, a gente brinca, a gente se diverte”

“Eu não tenho **nada contra** (...) porque eu tenho amigos, família”

Na primeira linha do quadro, temos dois sujeitos, um rubro-negro e outro áureo-cerúleo, que materializam pelo funcionamento parafrástico efeitos de sentido relacionados a esse imaginário dualístico e discriminatório, perpassado por relações de força. E na segunda linha, dois sujeitos, também rubro-negro e áureo-cerúleo, que materializam sentidos outros, possibilitando que os sentidos se movimentem, tornando-se outros já não mais tão marcados pela discriminação. Ou seja, na produção de sentidos, há sujeitos que reproduzem saberes mantendo-os na ordem do mesmo, e há outros sujeitos que instauram, pelo seu dizer, a ruptura com esses saberes relacionados ao imaginário estereotipado.

Assim, no jogo entre o mesmo e o diferente o político faz-se presente e é nessas condições de produção que tais sujeitos mencionados marcam seu próprio corpo, inscrevendo-se ilusoriamente em determinadas posições, na/pela textualização de tatuagens. Em síntese, buscamos compreender como a discursivização do antagonismo entre forças de duas instâncias distintas ainda é capaz de instaurar discursos de superioridade e de inferioridade, com relação às classes, incitando a exclusão num espaço social que é comum a ambos, a cidade de Pelotas.

Nesse viés de entendimento, a tatuagem ultrapassa limites estéticos, assim como o futebol ultrapassa conceitos de prática esportiva, forma de entretenimento ou fenômeno cultural, funcionando como prática que forja tensões entre forças de instâncias distintas, capaz de instaurar discursos que fazem funcionar o motor da ideologia, tal como propõe Pêcheux (1990/2010). Assim, como efeito de fechamento do presente texto, trazemos as palavras de Saramago (1995) para sinalizarmos a importância de estudos que contemplem os variados processos de subjetivação do sujeito na sociedade: “Se podes olhar vê, se podes ver repara”.

Precisamos, nessa instância, retomando um autor outrora citado, “suportar a incompletude e pôr corpo/linguagem em movimento” (ABREU, 2013, p. 146). Para tanto, direcionar o olhar à escrita corporal, a nosso ver, é uma arte de ler, interpretar e compreender o funcionamento de uma linguagem gravada na pele, transformada num texto que relaciona corpo, discurso, escrita, subjetividade e representações imaginárias.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Ana Silva. Corpo e linguagem – uma relação constitutiva. In: *Políticas de autoria*. São Carlos: EduFSCar, 2013.
- AZEVEDO, Aline. *Cartografias do corpo: metáforas contemporâneas da sutura e da cicatriz*. 2013. 191f. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013.
- CAZARIN, Ercília Ana. *Identificação e representação política: uma análise do discurso de Lula*. Ijuí: Unijuí, 2005.



ERNST-PEREIRA, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso: 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso. *Anais do IV SEAD*. 10 a 13 de nov., 2009. Porto Alegre.

OSÓRIO, Sérgio; AMARAL, Mário. *A história dos Bra-Péis*. Pelotas: Editora Signus, 2008.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012a.

\_\_\_\_\_. Processos de significação, corpo e sujeito. In: *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b. p. 83-96.

PAVEAU, Marie-Anne. Uma enunciação sem comunicação: As tatuagens escriturais. *Revista Rua* [online]. Campinas, SP. v. 1, n. 16, jun., 2010. p. 05-41.

PÊCHEUX, Michel. *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Organização de Françoise Gadet e Toni Hak. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990/2010.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

SILVA, Naiara. *Tatuagens: sujeitos e sentidos*. 2014. 153f. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Pelotas – UCPEL. Pelotas, dez., 2014.